

# Cenas e sentidos na tribo *Raver*: A ordem da fusão

Marli dos Santos

## 1. Juvenilidades e neotribalismo *Raver*

Com a proposta de desvendar um microcosmo da recepção, ou uma partícula dele, analisei os discursos de jovens usuários de drogas ilícitas e pertencentes a tribo *raver*, para detectar os sentidos que atribuem aos discursos jornalísticos sobre drogas.

Porém, antes, foi preciso mergulhar nas juvenilidades do mundo ocidental – algumas delas -, para entender por que aos jovens sempre se atribuíram e se atribuem, rebeldes que “devem” ser, os movimentos e expressões contestadoras da cultura estabelecida. Ao contrário do que está no imaginário do homem pós-moderno ocidental, verifiquei que a juventude transgredir por concessão da sociedade, por chancela do mundo dos adultos. Na Antiguidade os jovens eram preparados para a guerra. Durante a Idade Média, alguns povos, como os judeus, educavam para a transmissão e guarda dos costumes, e para a assunção de determinados papéis nas comunidades. Já a juventude operária, no século XIX, tinha como direcionamento o mundo do trabalho. À juventude revolucionária coube a participação em movimentos como o fascista, o nazista e a contracultura.

Ao longo da história ocidental dos jovens, as instituições hegemônicas cumpriram o dever de manutenção das estruturas criadas em seu benefício e para sua perpetuação. Porém, apesar de tudo, também foram transitórias. Mesmo com menor fluidez no passado, se assim poderia dizer, elas florescem e se esgotam. É a mola-mestra da história, entendida no seu caráter dinâmico, que propuliona a humanidade. O “dado social” e o “dado criador”, como dizia Bakhtin (1981), se mesclam e interagem na grande engrenagem social e cultural. Ou “a potência subterrânea” do neotribalismo contemporâneo de Maffesoli (2002), que engendra, nos seus laços de afetividade, o afastamento e a resistência ao poder constituído.

Na juventude pós-moderna, à medida que as instituições se enfraquecem, por conseguinte a família e a escola, a dinâmica entre o institucional e o marginal adquire novos contornos. Interagem as forças de dominadores e dominados, opressores e oprimidos, não como se fossem estanques, mas matizadas, sincretizadas, pois há brechas que acabam por romper a lógica da dominação. A juventude pós-moderna é uma “*thíase*”<sup>1</sup> (ordem da fusão) - a convivência de novos e vários arranjos sociais multiformes. Convive e forma várias identidades, e pode assumi-las, conforme as mediações culturais múltiplas que permitem a sobrevivência do grupo.

Ao analisar o fenômeno do neotribalismo contemporâneo, Maffesoli (2002: 62) sustenta a existência de comunidades afetivas, principalmente na sociedade urbana, que “(...) produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos (...)”, mecanismos de sobrevivência diante das pressões cotidianas. São também mecanismos de resistência.

Para Maffesoli (2002: 84), em todos esses espaços particulares, que constituem as tribos, os laços de afetividade são a condição *sine qua non* de existência e formação. Independentemente de se eleger este ou aquele código que dá uma identidade cultural específica, o “estar-junto” direciona as ações do grupo. O objetivo não é projetivo, e sim o agora, a formação do próprio grupo e a sobrevivência deste.

Essa reflexão é contextualizada na dinâmica da “socialidade”, termo que o autor usa em contraposição ao social. Para ele, a “socialidade” é orgânica, uma “transcendência imanente” das massas, que surge “(...) opondo-se sempre às formas instituídas da ideologia e da política oficial (...). Gilbert Renaud, citado pelo Maffesoli, diz: “(...) ‘socialidade’ frondosa que resiste à domesticação?”. (Idem: 91)

Em um sentido mais antropológico, o tribalismo é a maneira na qual se dá o afeto social. Há também um caráter de rebeldia e contestação na formação desses grupos. Segundo Lara (2001: 101), “a formação dos guetos e das tribos está ligada à rebeldia e à contestação da ordem estabelecida, à busca por outros estados cognitivos, que aliviem a ‘angústia’ e possam preencher o cotidiano”.

Nesse contexto as *raves* surgem como espaços alternativos. São festas normalmente realizadas em lugares mais afastados, locais como galpões, chácaras, fábricas abandonadas, cujo elemento principal, e que dá unidade, é a música eletrônica. Participam apreciadores do estilo, que se constituem em uma tribo com as suas peculiaridades e códigos, de uma maneira geral adotados mais ou menos por todos.

Como essas festas se tornaram modismo, em decorrência das indústrias antenadas sobre as novidades desse meio para posteriormente transformá-las em bens materiais e simbólicos de consumo, a participação de jovens é bem heterogênea. São diferentes os tipos encontrados em uma *rave*: desde aqueles que seguem religiosamente os padrões estéticos visuais, inspirados nos *clubbers*, como os que se negam à identificação *clubber* e preferem ser somente apreciadores das festas e da música eletrônica - o grande elemento aglutinador. Há também os curiosos e os profissionais da cena.

Independentemente dos novos tipos que frequentam as *raves*, ligados à cultura *club*, Mainardi já havia observado<sup>2</sup> a filosofia hedonista, na qual a alegria e o transe coletivo tornam-se uma experimentação, um sentido de vida, ou um sentido de vida em alguns momentos. Nesse processo de retribalização, de “socialidade” propriamente dita, o sentido da transgressão “esquece” o político instituído para ser a transgressão estética e simbólica. O amor, a celebração da paz, da alegria e do prazer das viagens proporcionadas pelo ambiente, muitas vezes adicionado à droga, são as formas de resistência.

## 2. Imbricações teórico-metodológicas

Para realizar o estudo, foram consideradas duas correntes teóricas norteadoras: a Teoria da Recepção, de Jesus Martin-

Barbero, e a Análise dos Discursos, em autores como Brandão, Orlandi, Maingueneau, Koch e Pinto, da escola francesa.

A Teoria da Recepção desloca os estudos dos meios às mediações, nos quais assume-se que os sentidos circulam na sociedade, nos grupos, nas comunidades, e sofrem a influência (na produção e na recepção) do ambiente cultural, social e o econômico. A leitura da realidade é condicionada pelo acesso a determinados textos culturais ou gêneros do discurso, inclusive o dos meios de comunicação.

Considerando a recepção um lugar de produção de sentidos, de negociação, a busca nesta pesquisa ao recorrer à Teoria da Recepção foi verificar, por meio da imersão no contexto da tribo *raver* e de usuários de drogas ilícitas de origens socioeconômicas diversas, quais as condições de produção dos discursos desses jovens. Que tipo de “socialidade” há no grupo e até que ponto a identidade neotribal é importante na mediação dos sentidos, em um contexto macro de pós-modernidade, de urbanidade e fluidez social, com a marca preponderante da cultura de consumo de bens simbólicos e materiais e da globalização.

Falar em pós-modernidade, urbanidade e fluidez social significa assumir que nas metrópoles a fragmentação é uma realidade. Nelas o caos semiótico e urbano é cenário, convivem a virtualidade, o efêmero, o constante, o popular, o culto, a reocupação e (re)significação de espaços, a exclusão, os anônimos, as tribos... Convergências e divergências. E tudo ao mesmo tempo.

Imbricando os conceitos dos Estudos de Recepção com os de Análise dos Discursos, de tradição francesa, temos as idéias de Pêcheux, em Brandão (2002), Orlandi (1990; 2001), Maingueneau (2002), e Pinto (1999), como referência teórico-metodológica na análise dos textos produzidos nos dois grupos focais participantes da pesquisa. Portanto, a opção ora referida considera a ideologia e a materialidade discursiva como “processo discursivo-ideológico”, que inscreve, segundo Pêcheux, citado por Brandão (Idem:34), “o processo discursivo em uma relação ideológica de classes”. Assim, a tríade básica nas formulações teóricas da AD é: a) condições de produção do discurso (o local

de onde se fala, como se fala e para quem se fala); b) a formação ideológica (modelos de representação social) e c) as formações discursivas (diretamente relacionadas às formações ideológicas). A utilização dessas duas correntes teóricas como referenciais para a pesquisa levou-me à observação participante, metodologia fundamental para observar as condições de produção do discurso. Durante um ano e meio, vários contextos foram observados, incluindo festas, locais de reunião e de consumo, entre outros espaços. Após observações, realizaram-se dois Grupos Focais (GFs), com jovens *ravers* de classes socioeconômicas diferentes, moradores da Grande São Paulo, usuários de drogas ilícitas, cujos discursos foram gravados, transcritos e analisados, à luz do referencial teórico já mencionado. Para estimular o grupo, utilizaram-se matérias jornalísticas publicadas na mídia impressa e eletrônica (TV). Na Análise dos Discursos realizada a partir das falas gravadas durante os GFs, considerei alguns marcadores linguísticos escritos e orais (conversacionais, tempo verbal, modalizadores expressivos, pronomes, operadores argumentativos, discurso direto e indireto, provérbio, ironia, jargão, gíria) presentes em autores, como Maingueneau (2000), Koch (2002), Urbano (In: Pretti, 1999) e Rodrigues (In: Pretti, 1999). Porém, a AD não se esgotou nos marcadores da superfície linguística, completando-se com a contextualização, pois os discursos não são independentes de sua condição de produção. As interações entre formações discursivas podem ocorrer mesmo quando o “outro” não está indicado no discurso, havendo contenção de sentidos pelo enunciador, por meio de mecanismos de silenciamento<sup>3</sup>. (Brandão, 2002).

### 3. O sentido dos discursos jornalísticos sobre drogas: grupos focais

Segundo os participantes do GF1, “Jovens da Periferia da Grande São Paulo”, mesmo dizendo “mentira”, o jornalismo tem poder para impor uma realidade generalizante, por interesse ou incompetência. Os argumentos para justificar o afastamento da mídia em relação à realidade desses jovens são vários. Destaco abaixo alguns: 1. A reação à droga

depende do organismo e das características individuais; 2. Nem todo usuário é violento, a droga só potencializa características individuais; 3. A bebida e o álcool são drogas toleradas pela mídia pois dão lucro; 4. A bebida leva ao consumo da droga ilícita; 5. Os verdadeiros culpados são omitidos; 6. A periferia consome menos droga comparada à classe média alta; 7. Nem sempre quem vai às *raves* é usuário de droga; 8. As matérias sobre pesquisas científicas são falsas. Do ponto de vista de interação e de envolvimento, alguns marcadores linguísticos durante a conversação realizada no GF1 são índices da identidade do grupo. Idade aproximada, condição socioeconômica semelhante, gosto pela música eletrônica, convivência em ambiente urbano, participação em *raves* e festas com música eletrônica e consumo de drogas ilícitas eram atributos do grupo, responsáveis por ambiente de confraternização e camaradagem. Os jovens mostraram experiências e expectativas compartilhadas, por meio de **formas fáticas** no discurso, como: “verdade”, “com certeza”, “entende”, “entendeu”; de **gírias**: “tipo”, “pô”, “minas”, “nóia”, “fita louca”, “já era”; de **jargões**: “faustão”, “farinha”, “baseado”, “tô limpo”, “pó”, “*clubber*”; e a **repetição de final de frases** pelos coenunciadores, como sinal de aprovação à fala do outro no grupo. Chama atenção o uso recorrente de gírias, não tão ligadas ao universo *raver*, mas de domínio comum dos jovens. Alguns participantes usavam gírias e jargões de outras tribos, como a do *rap* (“mano”), e ainda gírias fora de moda, a exemplo de “bicho”. Os marcadores mostram a fluidez desse grupo em outros espaços sociais, além das outras vozes constituintes dos discursos.

O fato de os componentes do grupo não considerarem a necessidade de usar todos os códigos da tribo *raver*, para serem qualificados como apreciadores da música eletrônica e das festas, pode estar relacionado à questão socioeconômica, aos compromissos com trabalho e à vida cotidiana. Eles não se enquadram nos tipos de Mainardi (1999). Há apenas vestígios dos códigos visuais *club*: óculos escuros, um ou outro detalhe fluorescente na roupa. Mas conhecem os estilos de música eletrônica, os preconceitos em relação aos *cybermanos*, a aura de harmonia nas festas,

propiciada também pela droga. Quem não a consome fica “careta”.

A consciência de que são de uma classe social menos favorecida revela-se nas oposições entre os conceitos de “periferia” - aquele que trabalha e sofre, mas sustenta o seu vício - e de “playboy” - rebelde sem causa, tem tudo mas é revoltado.

Os jovens desse grupo são muito enfáticos nos seus argumentos contra os discursos generalizantes do jornalismo. Usam exemplos pessoais, justificando pontos de vista. Diante da realidade, não há como aceitar o estereótipo de drogado e violento, entre outros, imposto pela mídia.

A introdução de discursos diretos e trechos de diálogos é uma estratégia para dar mais autenticidade à proposição de que a mídia “mente”. Os diálogos reproduzem situações hipotéticas, mas criam um clima de verdade - há entonação da voz, para fazer as vezes da mãe e do filho e ridicularizar os meios de comunicação, criadores de imagens erradas das festas.

Os vícios e erros na linguagem oral revelam a origem dos participantes. Embora na linguagem oral, muitas vezes, a norma culta seja desrespeitada, a limitação da escolaridade e do repertório linguístico é evidente. A superação ocorre pelo uso de gírias, operadores argumentativos e formas fáticas, como estruturadores dos discursos.

Provérbios e ditados são mais recorrentes nesse grupo, confirmando a polifonia e o caráter social da língua no seu manejo dentro do campo discursivo dos jovens, no qual formações discursivas deste e de outros campos são marcadas por várias vozes: de outras gerações, do popular, do científico.

O sentimento de pertença não está nos códigos visuais da tribo *raver*, mas na identidade do grupo como “periferia”, apreciador de música eletrônica - elemento aglutinador - , em momentos de comunhão e de afetividade.

Por não serem potenciais consumidores de grifes caras, os participantes do GF1 desvalorizam o uso de roupas, acessórios e tênis de marca. Para apreciar as *raves* e a música eletrônica não é necessário ostentar. Porém, reconhecem os códigos mais divulgados pela mídia. Como diz Martín-Barbero (1997), estão expressas nas mediações as

relações de poder, “batalhas travadas no campo econômico e no terreno do simbólico”.

Semelhante ao GF1, os jovens do GF2, “Jovens de Bairros Nobres de São Paulo”, disseram que a mídia está “errada”. Há oposição entre realidade e o dito nas reportagens jornalísticas. “A própria mídia é que **“trata errado”** as coisas. E o **próprio governo também... Ah, trata errado, trata... Eles omitem** informação, e **até acrescentam** coisas que **nem sempre é verdade...**”. Apesar da relativização, pois até o governo “também” é errado, durante a conversação dos jovens houve reforço e confirmação de tratamento equivocado dos usuários de drogas ilícitas, incluindo os *ravers*. Por meio de marcadores linguísticos e o não-dito, apontam a omissão de informações importantes relacionadas ao tráfico e às diferenças individuais não respeitadas pela mídia. Há contundência na crítica aos discursos jornalísticos. Os argumentos dos participantes foram agrupados a seguir.

1. A reação às drogas depende das “condicionantes” individuais;

2. A informação “populariza” assuntos, mas não há qualidade;

3. A mídia omite informações importantes, pois os interesses comerciais superam os de informar com qualidade;

4. As pesquisas generalizam tanto quanto as matérias a respeito delas;

5. A mídia usa estereótipos para generalizar; as fontes não convencem;

6. O consumo depende da classe social;

O jornalista deve se qualificar para uma reportagem que respeite as diferenças.

No GF2 a interação entre os enunciadores/coenunciadores é verificada por meio de marcas como **entendeu?, entende?, claro**, além de outras. Os pronomes e os tempos verbais no presente do indicativo e pretérito simples também mostraram envolvimento dos sujeitos do grupo, comprometidos o tempo inteiro, em maior ou menor grau, com os comentários. Operadores argumentativos confirmam e reforçam as opiniões do grupo.

Várias formações discursivas atravessam os discursos analisados: o da ciência, o do *raver*, o do jovem, o de classe social. A polifonia está presente na argumentação, nas citações, nos exemplos. Há o discurso do

universitário, para demonstrar domínio de outro campo discursivo ao questionar a validade da ciência; o discurso da ciência, para em seguida ironizá-la; o discurso da tribo, com gírias e jargões dos *ravers*; o discurso consumista da sociedade capitalista globalizada, com a moda *raver*; o discurso conservador de classe média ao se comparar ao pobre - ele é infeliz e eu sou feliz. Nos deslizamentos entre as formações discursivas fica claro o “dado social”, os diversos “eus” presentes nos discursos, em um espaço-tempo específico: o da cidade, o da pós-modernidade, o da tribo *raver*.

Brandão (2002), referindo-se a Pêcheux, ressalta o processo discursivo como relação ideológica de classe. Referente ao aspecto formal da língua (observação da norma culta e repertório lingüístico), aos conhecimentos explicitados nas críticas feitas aos discursos jornalísticos sobre drogas, bem como à sua auto-representação como tribo “mais descolada”, “mais *fashion*”, os participantes do GF2 mostram o ideológico, naturalizando as diferenças. Os estereótipos e as generalizações criticados na mídia marcam os discursos do grupo, o qual identifica as subtribos da música eletrônica, como “*cybers*”, “demorado” (psicodélicos), entre outros.

Os códigos, a moda e o estilo musical diferenciam os grupos e criam sentimento de pertença. Nas festas, o sentido da droga, a música e o ambiente são fatores que estimulam a socialidade dos grupos, em uma sociedade globalizada na qual as pressões são muitas.

#### 4. Conclusão

Na análise dos discursos dos jovens *ravers* participantes dos dois grupos focais há um sentido primordial do texto em relação ao contexto: o de **distanciamento por oposição entre jovens *ravers* e mídia**, permeando os argumentos explícitos (por meio de marcadores lingüísticos) e implícitos (pelo mecanismo de silenciamento) nas falas dos grupos. A dicotomia é reflexo do contexto sociocultural, no qual as oposições e as divisões são relações naturalizadas pelas ideologias (bem e mal, pobre e rico, opressor e oprimido, bonito e feio, magro e gordo), presentes na prática discursiva dos jovens *ravers* e da mídia.

Os distanciamentos detectados nos argumentos dos jovens mostram as oposições e divisões entre identidade estereotipada e identidade real; entre o conhecimento que o jornalista deveria ter da realidade e a realidade efetivamente reconstruída em seus discursos; entre o interesse das empresas jornalísticas e o interesse dos jovens; entre o poder do discurso midiático e a fragilidade dos discursos dos jovens *ravers*; entre o superficial dos discursos jornalísticos e a densa realidade; entre a quantidade e a qualidade de informação; entre a generalização dos sujeitos e a particularidade do indivíduo; entre a simplificação dos comportamentos e a complexidade do ser humano; entre o prazer de consumir drogas e o sofrimento retratado na mídia; entre a violência associada às festas e a paz efetivamente sentida; entre a agressividade como marca da personalidade do usuário de drogas ilícitas na mídia e a afetividade buscada no transe neotribal.

“O dito por ‘eles’ (a mídia) e por ‘nós’ (os jovens)” apresenta algumas percepções diferenciadas entre os grupos, condicionadas pela classe socioeconômica. É possível verificar a ideologia em ação na forma como cada um se refere e percebe o outro dentro da tribo, em uma determinada matriz cultural e temporalidade. Portanto, como diz Pêcheux, as classes sociais não são indiferentes à língua, do ponto de vista de complexidade do repertório, de domínio do léxico e de seus antagonismos” – a visão da “periferia” e dos “playboys”. A habilidade do enunciador em transitar por diferentes formações ou campos discursivos lhe confere mais autonomia no embate diário da prática discursiva.

Quanto menor o acesso aos campos ou formações discursivas (FDs), maior a submissão do sujeito do discurso a determinadas FDs. No grupo focal de jovens de bairros da periferia de São Paulo essa limitação de campo é maior. A estratégia dos argumentos é baseada em exemplos e experiências pessoais e no cotidiano, para dar mais autenticidade e credibilidade aos discursos.

São argumentos comuns nos discursos dos jovens o não reconhecimento de si nos estereótipos de “drogados violentos”, “drogados infelizes”, “drogados inconseqüentes”, “*ravers* drogados”, “*ravers* pobres e drogados”.

Mas se os meios de comunicação - e, portanto, os produtos jornalísticos no contexto da indústria cultural - detêm os saberes sobre os seus públicos e o domínio discursivo, por que o distanciamento da realidade como sentido primordial nos discursos dos jovens *ravers*, usuários de drogas?

A racionalidade econômica da indústria influencia os processos produtivos, que resultam em textos culturais massivos digeríveis (“gêneros discursivos”), para atender às necessidades de receptores-consumidores. Os padrões generalizantes, vinculados aos valores hegemônicos sociais e culturais, representam uma economia material e ideológica.

Não obstante a lógica industrial, a imprensa não pode ser tratada como bode expiatório, pois também está imersa nas mesmas forças sociais, econômicas e culturais. Porém, os saberes do jornalismo em relação ao seu público devem superar o modelo de consumo. A superação da submissão do gênero discursivo jornalístico à categoria de entretenimento deve servir também de desafio aos profissionais da imprensa.

De outro lado, o fato de os jovens não se reconhecerem nos estereótipos veiculados nas matérias jornalísticas não significa comportamento contrário, ou diferenciado. Ao se referirem aos “*playboys*” e aos “*cybermanos*”, aos pobres drogados e infelizes e aos ricos drogados e felizes, reproduzem os mesmos discursos da mídia em relação a eles.

As negociações de sentido dos discursos jornalísticos sobre drogas ocorrem a partir da prática discursiva em uma matriz cultural de urbanidade, de fluidez, de fragmentação de arranjos sociais e culturais, de rapidez, de tecnologia, de comunicação de massa preponderantes – uma “*thíase*”. Matriz em que os diversos sujeitos deslizam em espaços concretos e virtuais, nos quais circulam sentidos da vida cotidiana e do institucional. Há momentos nos quais podem ocorrer interações, com maior ou menor intensidades.

As tribos urbanas são fenômenos do descentramento causado nesse cenário. No caso da tribo *raver*, os códigos representam mais um laço afetivo do que propriamente um conjunto de valores em contraposição aos da matriz cultural. As negociações de sentido sofrem pressões das alternativas sociais e culturais possíveis. Portanto, na maior parte do tempo, reproduzem-se comportamentos, reproduzem-se discursos, com momentos de brechas para a criatividade irromper na materialidade linguística, como prática discursiva-social. As bricolagens na estética *rave* - de som e de códigos visuais - e os hibridismos de estilos musicais, acontecendo em grande velocidade, são expressões de recriação, de resignificação dentro de uma estética em rearranjo constante. O sentido do movimento é o afeto social. Antes da civilidade, a “socialidade”. Resistência e sobrevivência.

**Bibliografia**

**Baccega**, Maria Aparecida. *Palavra e discurso – História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

**Barbero**, Jesús Martín. “América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social”. In: SOUSA, Mauro SOUSA. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002, 39-68.

**Bauer**, Martin W. E GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. 2ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

**Brandão**, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 8ª ed., Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

**Chaparro**, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sotaques d’aquém e d’além mar*. Coimbra: Minerva, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

**Fraschetti**, Augusto. “O mundo romano”. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.); tradução Claudio Marconde, Nilson Moulin, Paulo Neves. *História dos Jovens I*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, 59-95.

**Gonçalves**, Fernando do Nascimento. “Hedonismo e ethos contemporâneo: o fenômeno das *rave parties*”. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas, BENTZ, Ione Maria Ghislene e PINTO, Milton José (Orgs.). *Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas*. Petrópolis, RJ.: Vozes, coedição Compós, 1999, 91-107.

**Hall**, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. R. Janeiro: DP&A, 2001.

**Horowitz**, Elliot. “Os diversos mundos da juventude judaica na Europa”. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens I*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, 97-140.

**Ianni**, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. O jovem radical. In: BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude I*. R. Janeiro: Zahar Editores, 1968, 225-242.

\_\_\_\_\_. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

**Koch**, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7ª Ed., São Paulo: Cortez, 2002.

**Lara**, Arthur Hunold. *Tribos urbanas: transcendências, rituais, corporalidades e (re) significações*. Tese apresentada à Eca/ USP, São Paulo, 2002.

**Maffesoli**, Michel. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

**Magnani**, José Guilherme Cantor. “As cidades de tristes trópicos”. In: *Revista de Antropologia*, volume 42, nº 1 e 2, volume especial em homenagem a Claude Lévi-Strauss, Depto. Antropologia da FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Quando o campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: **Magnani**, José Guilherme Cantor e **Torres**, Lílian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole – textos de antropologia urbana*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000, 12-53.

**Mainardi**, Jocélia Maris. *Os neodândis dos anos 90. Plasticidade, hedonismo, gênero e atuação política dos clubbers paulistanos*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura, convênio interinstitucional UFSM (RS) e UFRJ, RJ, 1999.

**Maingueneau**, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2002.

**Martín-Barbero**, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

**Michaud**, Eric. “Soldados de uma idéia: os jovens sob o Terceiro Reich”. In: **Levi**, Giovanni e **Schmitt**, Jean-Claude (Orgs.); *História dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 b, 291-317.

**Oliveira**, Sandra da Rocha Marmo. “A ideologia no discurso sobre drogas”. In: **Magalhães**, Izabel (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Ed.UNB, 1997.

**Orlandi**, Eni P. *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 3ª Edição, 2001.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista**. *Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1990.

**Passerini**, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni e

**Schmitt**, Jean-Claude (Orgs). *História dos Jovens 2*. SP: Cia Letras, 1996 b, 319-382.

**Perrot**, Michelle. “A juventude operária. Da oficina à fábrica”. In: **Levi**, Giovanni e **Schmitt** Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 b, 83-136.

**Pinto**, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

**Rodrigues**, Ângela Cecília Souza. “Língua falada e língua escrita”. In: **Pretti**, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, 13-54.

**Saunders**, Nicholas. *Ecstasy e a cultura dance*. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

**Schindler**, Norbert. Os tutores da desrodem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: **LEVI**, Giovanni e **Schmitt**, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 1*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, 265-324.

**Schnapp**, Alain. “A imagem dos jovens na cidade grega”. In: **Levi**, Giovanni e **Schmitt**, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 1*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, 19-57.

**Temer**, Ana Carolina. *Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo*. Paper apresentado Congresso Intercom, Salvador, BA, setembro de 2002.

**Urbano**, Hudinilson. “Marcadores Conversacionais”. In: **Pretti**, Dino (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, 81-102.

**Wolf**, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 3º ed., 1995.

---

<sup>1</sup> Thíase é um termo utilizado por Michel Maffesoli no livro *O tempo das tribos* (2002), para fazer referência à pós-modernidade. São fragmentos que se juntam e se transformam, sem uma ordem pré-estabelecida, fundindo-se em diversos arranjos sociais, culturais, típicos da contemporaneidade.

<sup>2</sup> Jocélia Maris Mainardi revela em seu estudo a estética dos *clubbers* paulistanos, seus códigos, costumes, locais frequentados, e as festas, realizadas em clubes fechados ou em locais diferenciados, longe dos grandes centros. Os espaços são reapropriados e a ambientação é um misto de cor, luzes, performances, ritmo e dança, regidos pelo som da música eletrônica.

<sup>3</sup> “Mecanismo de silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes FDs, pelo seu jogo. Com o apagamento de sentidos, há zonas de sentido, e, logo, posições do sujeito que ele não pode ocupar, que lhe são interdidas.” (Orlandi, 1990: 52).